



Literatura infantil e Relações Raciais: estudo sobre pesquisas com crianças

Children's literature and Racial Relations: study on research with children

Literatura infantil y relaciones raciales: un estudio sobre la investigación con niños

Fabiana de Oliveira¹



<https://orcid.org/0000-0002-1001-5981>

Melissa Lapa Camilo²



<https://orcid.org/0000-0003-1110-6241>

Resumo: O objetivo desta reflexão é analisar o uso da literatura infantil como instrumento metodológico em pesquisas realizadas com crianças, mais especificamente, estudos envolvendo crianças e relações raciais. Realizou-se uma pesquisa qualitativa, de base bibliográfica, a partir da análise de teses e dissertações da BDTD/ibict. O referencial adotado envolve campos da Sociologia da Infância e das Relações Raciais. A partir das investigações analisadas, as quais produziram pesquisas com crianças, tendo a literatura infantil como instrumento mediador de oficinas e das intervenções realizadas, pudemos perceber o quanto importante é a realização de estudos que visam alcançar as crianças, ouvi-las, considerar suas perspectivas e emoções relacionadas à temática das relações raciais.

Palavras-Chave: Literatura Infantil. Relações Raciais. Pesquisa com Crianças.

Abstract: The aim of the present reflection is to analyze the use of children's literature as methodological instrument in research conducted with children, mainly in studies concerning children and racial relationships. A qualitative, bibliographical study was carried out based on BDTD/ibict theses and dissertations' analysis. The adopted framework regards the Sociology of Childhood and Racial Relationships fields. It was possible observing how important it is to conduct studies aimed at reaching children, listening to them and taking into consideration their perspectives and emotions related to the 'ethnic-racial relationships' topic based on the analyzed research, which focused studies carried out with children and children's literature as mediating instrument for performed workshops and interventions.

Keywords: Children's Literature. Racial Relations. Research with Children.

¹ Pós-Doutora pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP). Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). E-mail: fabiana.oliveiraunifal@gmail.com

² Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). E-mail: melissalc2016@gmail.com

Resumen: El objetivo de esta reflexión es analizar la forma en que la literatura infantil ha sido utilizada como instrumento metodológico en la realización de investigaciones con niños, específicamente, investigaciones que involucran a la infancia y las relaciones raciales. Se realizó una investigación bibliográfica cualitativa a partir del análisis de tesis y disertaciones de la BDTD/ibict. El marco adoptado involucra los campos de la Sociología de la Infancia y las Relaciones Raciales. A partir de las investigaciones analizadas que produjeron investigaciones con niños utilizando la literatura infantil como instrumento mediador para los talleres e intervenciones realizadas, pudimos ver lo importante que es realizar estudios que tengan como objetivo llegar a los niños, escucharlos, considerar sus perspectivas, sus emociones relacionadas con el tema de las relaciones étnico-raciales.

Palabras clave: Literatura Infantil. Relaciones Raciales. Investigación con niños.

Introdução

O objetivo da presente reflexão é analisar o uso da literatura infantil como instrumento metodológico na realização de pesquisas com crianças, mais especificamente, estudos envolvendo crianças e relações raciais.

Ao pensarmos sobre pesquisas realizadas com crianças, retornamos ao dossiê denominado: “Sociologia da Infância: pesquisas com crianças”, o qual foi publicado na Revista Educação & Sociedade, no ano de 2005. Sua apresentação foi feita pelas organizadoras da publicação, Ana Cristina Coll Delgado e Fernanda Müller.

As organizadoras destacaram a importância do campo da Sociologia da Infância ao considerar crianças como atores sociais, a partir da compreensão de um modelo, mais horizontal e interativo, de socialização de crianças entre si e delas com adultos. Diante disso, as autoras pontuaram que, “(...) se as crianças interagem no mundo adulto porque negociam, compartilham e criam culturas, necessitamos pensar em metodologias que realmente tenham como foco suas vozes, olhares, experiências e pontos de vista” (Delgado; Müller, 2005, p. 353).

O dossiê desperta a atenção e faz-nos pensar sobre o desafio teórico-metodológico de pesquisas que consideram crianças como atores sociais. Neste sentido, de acordo com Corsaro (2005), seu trabalho passou de uma pesquisa sobre crianças para uma pesquisa *com* crianças.

Fazer pesquisa *com* crianças significa tirá-las do seu antigo papel de seres passivos, de objetos da pesquisa. Para Alderson (2005, p. 420), “as crianças são pesquisadoras e sempre co-produtoras de dados”.

A mudança de ênfase na questão metodológica iniciou o movimento para ouvir as vozes das crianças e para creditar suas falas como válidas. Este processo vem contribuindo para “resgatá-las do silêncio e da exclusão, e do fato de serem representadas, implicitamente, como objetos passivos” (Alderson, 2005, p. 423).

Nesse sentido, de acordo com Campos (2008), a presença da criança na pesquisa não é nova, mas uma tendência recente, que visa “introduzir uma mudança radical na abordagem do pesquisador

adulto junto às crianças: o objetivo de dar voz à criança e de moldar a pesquisa às possibilidades de captar essa voz” (p. 36).

Entendemos que crianças vivenciam sua infância de modos diferentes, que são perpassadas pelos marcadores sociais da diferença, tais como: classe social, raça, gênero, idade, religião, entre outros. Este cenário motivou-nos a buscar pesquisas realizadas com crianças, que utilizaram a literatura infantil como instrumento metodológico, para compreender os significados que crianças constroem sobre o mundo, e sobre si mesmas, a partir da perspectiva racial.

Algumas reflexões sobre a literatura para crianças

Os primeiros livros direcionados para crianças surgiram entre o final do século XVII e o início do século XVIII. Antes disso, segundo Zilberman (2003), não havia preocupação com a infância. Adultos e crianças frequentavam os mesmos espaços e eventos, sem vínculo sentimental entre eles. Logo, no meio da Idade Moderna, esse vínculo foi rompido e, segundo Ariès (1987), as especificidades da infância passam a ser consideradas. A necessidade de conteúdos próprios para cada faixa etária passa, então, a existir. Assim, nasce a preocupação com a criança, bem como o controle do desenvolvimento intelectual na infância e a manipulação das emoções infantis. A literatura e a escola foram encarregadas dessa função.

Um dos fundamentos da literatura infantil é, segundo Zilberman (2003), a ordenança de vivências que crianças ainda não conseguem realizar. Dessa forma:

“Se a criança — devido não só a sua circunstância social, mas também por razões existenciais — se vê privada ainda de um meio interior para a experimentação do mundo, ela necessitará de um suporte fora de si que lhe sirva de auxiliar. É esse lugar que a literatura infantil preenche de modo particular, ao contrário da pedagogia ou dos ensinamentos escolares” (Zilberman 2003, p. 45).

A literatura lida depende de dois elementos para sua compreensão do real: (1) histórias que se apresentam de maneira sistemática com a realidade, com base no processo linguístico de comunicação e das relações sociais das personagens; (2) a linguagem como mediadora entre a criança e o mundo, de modo que a literatura preencha uma função de conhecimento.

As modificações sociais acontecidas na sociedade possibilitaram a ascensão da escola como organizadora de modalidades culturais. Assim, a literatura ganha força como gênero destinado às crianças e aos jovens. Zilberman (2003) destaca que o principal objetivo era apresentar os valores sociais da época, como, por exemplo: a vida doméstica e o casamento; especificar para os pais a necessidade do afeto com os filhos e da solidariedade, para construir-se uma identidade familiar intimista. A criança é vista como indivíduo frágil, que requer cuidados específicos. Elas são de

responsabilidade da família e da escola; no futuro, tornar-se-ão adultos saudáveis, intelectualmente maduros.

A infância deveria incorporar os ideais dos adultos que, segundo a autora, deveriam conservar sua boa natureza ao seguir, à risca, os manuscritos pedagógicos da época. A autora assinala, ainda, sua preocupação com o espaço adequado para a educação a ser recebida pela criança, a qual deve preservar sua bondade natural. Tal educação deveria seguir os fundamentos apontados no livro “*Emile*”, de Jean-Jacques Rousseau. Sua obra visava afastar a criança da sociedade, a qual é vista como má, de forma a evitar sua contaminação por ela. Esse processo permitiria que a ingenuidade da criança durasse mais tempo, o que reforça a ideia de sua improdutividade.

Segundo Zilberman (2003), as consequências dessa perspectiva para as crianças incluem: sua marginalização do setor de produção econômico, pois a criança era vista como um ser inútil, já que não podia mais trabalhar, apenas consumir, de forma dependente de alguém. Além disso, houve a expansão da superioridade do adulto em relação à criança, mantendo um julgo inquestionável sobre ela. Acentuava-se que a criança não possuía conhecimento pragmático para transformar suas habilidades em força de trabalho. Consequentemente, isso se “torna condição de permanência da naturalidade infantil e de sua inocência original a ignorância dos fatores que poderiam torná-la socialmente produtiva e, portanto, emancipada” (Zilberman, 2003, p. 19).

A literatura, portanto, tinha como função, ser um instrumento para auxiliar a expansão dessa norma social, em vigor, pois, em geral, são ensinamentos com base na visão do mundo adulto. Segundo Zilberman (2003), a literatura comprometia-se a “ocupar a lacuna surgida nas ocasiões em que os maiores não estão autorizados a interferir, o que acontece no momento em que os meninos apelam à fantasia e ao lazer” (Zilberman 2003, p. 23). Assim, ela tinha como função, disseminar os padrões sociais e ser, ao mesmo tempo, de interesse dos próprios jovens.

Assim, a literatura pode reproduzir o mundo adulto pela atuação de um narrador, que bloqueia ou censura a ação de suas personagens infantis, ou, ainda, que veicula conceitos de padrões comportamentais, que estejam em consonância com valores sociais premeditados. A literatura infantil vive, segundo a autora, uma duplidade própria. De um lado, através do olhar de um adulto, a literatura é tida como dominação do jovem, assumindo o objetivo pedagógico de transmitir normas e de formação da moral. Por outro lado, quando voltada ao interesse da criança, transforma-se em um caminho para a realidade, “na medida em que facilita a ordenação de experiência existenciais pelo conhecimento de histórias e a expansão de seu domínio linguístico” (Zilberman 2003, p. 46).

A literatura infantil não é determinada por uma fórmula específica, podendo ser organizada em verso, prosa, novelas, contos, entre outros. Assim, de acordo com Zilberman (2003), a literatura percorre livremente a realidade do ‘maravilhoso’, tendo por característica a incorporação de

ilustrações ao texto, admitindo modalidades próprias, como contos de fadas e mágicos. Esta literatura é permeável a tudo e maleável, e fornece uma enorme margem de criatividade a quem a lê.

As obras literárias infantis surgem, assim, de contos orais, transmitidos pelos adultos para as crianças, os quais reproduziam uma moral para educar as crianças por meio da magia e do ‘maravilhoso’. Segundo Zilberman (2003), com base em Charles Perrault, a literatura foi, inicialmente, registrada no papel no século XVII. Mais tarde, no início do século XIX, os contos de fadas foram adaptados pelos irmãos Grimm:

Esses relatos fundam-se preferencialmente numa ação de procedência mágica, resultante da presença de um auxiliar com propriedades extraordinárias que se põe a serviço do herói: uma fada, um duende, um animal encantando. Essa colaboração voluntária possibilita a superação, por parte da personagem central, do conflito que deflagrara o evento ficcional; e sua ajuda é imprescindível devido à condição sempre precária ou carente da figura principal. (Zilberman 2003, p. 48)

Assim, as personagens só resolvem um conflito por meio de uma intervenção sobrenatural e mágica. Segundo a autora, a fantasia torna-se a configuração do sonho. Essa é a significação do ‘maravilhoso’, que corporifica a representação de um adulto onipotente, bom; que soluciona um problema maior do protagonista, de modo que ele se sujeite à dominação do adulto, sem questionar; um protagonista impotente que, por extensão, atinge a criança. Coelho (2000) completa essa ideia:

Na literatura, essa valorização ideal do indivíduo está presente nas características dos heróis ou personagens românticos: todos eles, seres de exceção, modelos das qualidades e virtudes consagradas pela Sociedade, como padrões ideais a serem imitados (Coelho, 2000, p. 20).

Assim, o escritor adulto, que escreve um livro para crianças, segundo Zilberman (2003), busca comunicação com seu leitor. Ele solidariza-se com o sujeito, por meio da adaptação de situações linguísticas, cognitivas e sociais, que rompem a distância entre quem escreve e quem lê.

A literatura infantil, além de oferecer a fantasia como ficção, reproduz confrontos entre a realidade da criança e do adulto, de modo eficiente, pois atinge a parte central do universo infantil. Isso ocorre, porque a literatura permite que a intimidade com o leitor seja atingida. Esse fenômeno gera, segundo Zilberman (2003), o hábito da leitura, por interesse próprio.

No século XVIII, a literatura difundiu-se em diferentes camadas sociais e faixas etárias. Ocorreu, assim, a expansão do mercado editorial, a ampliação da rede escolar e a alfabetização em diferentes classes sociais. Este processo foi visto, por Zilberman (2003), como período que favoreceu a industrialização da cultura e introduziu o leitor à realidade adulta, e a seus valores de consumo.

A literatura infantil possui duas dificuldades principais, segundo Zilberman (2003), a saber: (a) a transitoriedade do leitor, pois a literatura infantil é produzida para crianças de até 12/13 anos. Por

isso, precisa acompanhar a evolução do leitor até que seja “perdida” por completo, quando ele busca obras que se adaptem melhor à sua nova faixa etária; (b) a ‘unidirecionalidade’, quando é produzida, apenas por adultos, para crianças, e não o contrário.

Atualmente, segundo Coelho (2000), há a transformação de valores com base em argumentos usados para a literatura infantil, os quais são compatíveis com o mundo contemporâneo, embora ainda ligados ao ideário dominante. Assim, surgem novos temas e linguagens, que percebem a criança como ser em formação, que possui potencial para orientar-se com liberdade e alcançar o desenvolvimento pleno.

Logo, a literatura permite às crianças preencherem lacunas derivadas de experiências que ainda não tiveram oportunidade de vivenciar, por meio de uma linguagem simbólica. Segundo Coelho (2000), o espaço oferecido pela obra deve ser orientador, mas não dogmático. Deve permitir que a criança alcance o autoconhecimento e acesse as múltiplas culturas, que caracterizam a sociedade à qual pertencem, bem como outras realidades sociais pelo mundo.

Voltando seu olhar para questões étnico-raciais, Coelho (2000) apresenta a perspectiva do antirracismo, que figura nas obras literárias, a partir da transformação de valores sociais, ao longo dos séculos. Se antes era apresentada a justificativa para a escravidão, dada a existência de uma suposta ‘raça superior’ à outra, agora há o combate ao ódio racial. Busca-se valorizar diferentes culturas étnicas, a fim de descobrir e preservar a autenticidade de cada uma delas. Logo, surgem, na literatura, personagens de diferentes etnias, “abordando frontalmente o problema do racismo, considerado uma das grandes injustiças humanas e sociais” (Coelho 2000, p. 27).

Dessa perspectiva, Lima (2005) provoca-nos a pensar a invisibilidade de personagens negros como protagonistas de aventuras no universo infantil. Segundo ele, “a imagem age como um instrumento de dominação real através de códigos embutidos em enredos racialistas” (Lima 2005, p. 103). O livro torna-se, assim, uma importante fonte documental de análise do tema das relações raciais no Brasil, pois, é por meio das obras, que se rearticula uma ideologia pretérita e presente.

Assim, a literatura pode auxiliar a criança a reorganizar e desenvolver concepções novas sobre o tema. Portanto, o livro é uma importante fonte de saber, que pode ser usado, segundo Silva (2005), como gerador de consciência crítica e contribuir para o combate ao racismo, em nossa sociedade.

O estudo

Pesquisa de natureza qualitativa-bibliográfica que permitiu-nos conhecer, de maneira abrangente, os caminhos, as mudanças e as contribuições operadas por outros pesquisadores sobre a mesma temática de interesse desenvolvida aqui. Este método também possibilita, na opinião de Ferreira (2002), que produções acadêmicas não fiquem limitadas às prateleiras das bibliotecas universitárias,

mas são uma forma de informar, à própria comunidade científica, o que tem-se produzido, cientificamente, numa dada área de interesse.

Assim, optou-se por escolher o site BD TD/ibict³ (Biblioteca Digital de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informações em Ciência e Tecnologia), pois atende a todas as necessidades apresentadas por Ferreira (2002). Ele também disponibiliza teses de doutorado e dissertações de mestrado, de diferentes décadas.

Quatro descritores foram empregados na busca, a saber: 'literatura infantil', 'literatura infantil - crianças de 5 anos' e 'literatura infantil - étnico-racial - crianças de 5 anos'.

Pesquisas cuja leitura de títulos e resumos não condiziam com o objeto de estudo desta dissertação foram o critério de exclusão utilizado. Dessa forma, foram excluídas (a) pesquisas que não continham crianças como principais sujeitos de investigação, (b) pesquisas que não utilizavam aportes metodológicos da Sociologia da Infância, (c) pesquisas que não eram ligadas ao campo da Educação e (d) pesquisas que não trabalhavam o tema das relações étnico-raciais.

Após a triagem das pesquisas e a leitura dos resumos, optou-se por uma leitura mais ampla dos artigos selecionados, de forma a conhecer melhor as pesquisas listadas. Com isso, uma leitura mais aprofundada dos 72 trabalhos selecionados foi realizada. Em seguida, chegou-se ao número final de 16 publicações.

QUADRO I: Trabalhos selecionados

(Continua)

ORDEM	TÍTULO	AUTOR	TIPO	ANO	INSTITUIÇÃO	ÁREA DO PPG
D-1	A literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira, com a palavra as crianças: "eu sou peta, tenho cacho, sou linda, ó!"	Sara da Silva Pereira	Dissertação	2019	Universidade Federal do Paraná	Curso de Pós-Graduação em Educação, Setor de Educação
T-2	A literatura infantil pelo olhar da criança	Maria Elisa de Araújo Grossi	Tese	2018	Universidade Federal de Minas Gerais	Programa de Pós-Graduação em Educação: conhecimento e inclusão social – Faculdade de Educação

³ Site disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/>

(Continua)

D-3	As estórias infantis como contexto de estudo da exclusão/inclusão com crianças	Magme Cibele Medeiros da Costa Londero	Dissertação	2008	Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Minter Urisan	Programa de Pós-Graduação em Educação
D-4	Educação, Infância e Literaturas: ouvindo meninas negras a partir de algumas leituras (E.M.E.I.E.F. Oswaldo Hülse, Criciúma-SC)	Ivana Beatriz dos Santos	Dissertação	2017	Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC	Programa de Pós-Graduação em Educação
D-5	“Hoje posso ser eu, tia!”: leitura fruição pela voz e mãos de crianças da educação infantil	Héllen Cristina Machado	Dissertação	2018	Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC-Campinas	Programa de Pós-Graduação em Educação
T-6	Identificação étnico-racial na voz de crianças em espaços de educação infantil	Cristina Teodoro Trinidad	Tese	2011	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP	Programa de Pós-graduação em Doutorado em Educação – Psicologia na Educação
D-7	Infância e literatura infantil: o que pensam, dizem e fazem as crianças a partir da leitura de histórias? A produção de culturas infantis no 1º ano do Ensino Fundamental	Débora Perillo Samori	Dissertação	2011	Universidade de São Paulo	Programa de Pós-Graduação Faculdade de Educação
D-8	Leitura literária e protagonismo negro na escola: problematizando os conflitos étnico-raciais	Meire Helen Ferreira Silva	Dissertação	2016	Universidade Federal de Goiás	Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação
D-9	Literatura Afro-brasileira: práticas antirracistas no Ensino Fundamental	André Luiz Amancio de Sousa	Dissertação	2016	Universidade Federal de Minas Gerais	Programa de Pós-Graduação – Mestrado Profissional em Letras PROFLETRAS) – Faculdade de Letras

(Continua)

D-10	Literatura e infância: ouvindo e dando voz as crianças	Simone Leite da Silva Peixoto	Dissertação	2012	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências Sociais Aplicadas
D-11	Minha cor e a cor do outro: qual a cor dessa mistura? Olhares sobre racialidade a partir da pesquisa com crianças na Educação Infantil	Daniela Lemmertz Bischoff	Dissertação	2013	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Programa de Pós-Graduação em Educação
D-12	O processo de aquisição da leitura na escola: as contribuições da literatura infantil	Maria Rosinélia Dias de Santana	Dissertação	2015	Universidade Federal da Paraíba	Programa de Pós-Graduação em Linguística e ensino – PGLE – Mestrado Profissional em Linguística e Ensino – MPLE – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
D-13	Os griôs aportam na escola: por uma abordagem metodológica da literatura infantil negra nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental	Wagner Ramos Campos	Dissertação	2016	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação
D-14	Quando a questão racial se torna conversa com uma turma de educação infantil	Ilka Monique da Costa Lima	Dissertação	2017	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	Programa de Pós-graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares -Instituto Multidisciplinar/Instituto De Educação
D-15	Quem conta um conto aumenta um ponto? Literatura Infantil e Oralidade	Maria Socorro Silva	Dissertação	2007	Universidade Federal do Ceará - UFC	Pró-reitora de pesquisa e Pós-Graduação Faculdade de Educação – FACED – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira

(Conclusão)

D-16	Relações Étnico-raciais e práticas pedagógicas com literaturas infantil-juvenil Afro-brasileira	Missilene Maria Silva Costa	Dissertação	2019	Universidade Federal Rural de Pernambuco e Fundação Joaquim Nabuco	Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades
------	---	-----------------------------	-------------	------	--	---

Fonte: Elaborado pelas autoras, a partir das pesquisas selecionadas.

O que nos apontam as pesquisas realizadas com crianças, envolvendo a Literatura infantil e as Relações Étnico-Raciais?

Iniciamos a apresentação dos dados encontrados ao introduzir, no quadro 2, os 73 livros de literatura infantil utilizados pelos/as pesquisadores/as citados no quadro 1, os quais compõem o *corpus* desta pesquisa. Foram apresentadas 16 pesquisas, sendo 14 dissertações e 2 teses.

QUADRO 2: Livros de Literatura Infantil mencionados nos documentos analisados

(Continua)

PESQUISAS	LIVROS	AUTORES	ILUSTRADORES	EDITORA	ANO
D15	A Bela e a Fera – Contos por imagens		Rui de Oliveira	FTD	1999
D5	A casa sonolenta	Audrey Wood	Don Wood	Ática	1999
T6 e D9	A cor da vida		Semíramis Paterno	Lê	1998
D10	Adivinha o quanto eu te amo	Sam McBratney	Anita Jeram	WMF Martins Fontes	2011
D12	A galinha que criava um ratinho	Ana Maria Machado	Mariana Massarani	Ática	1995
D15	A guardadora de Gansos (Contos de Grimm)	Maria Heloísa Penteado	Anastassija Archipowa	Ática	1996
D5	A incrível caixa dos animais da fazenda: os animais da cocheira	Auzou	Cristophe Bonces	PubliFolhinha	2014
D11	A menina e o tambor	Sonia Junqueira	Mariangela Haddad	Autêntica	2009
D4	Ana e Ana	Celia Godoy	Fe	DCL	2007
D1 e D13	Anansi, o velho sábio	Kaleki	Jean- Claude Götting	Companhia das letrinhas	2007
D3	A princesa dos cabelos azuis e o horroroso homem dos pântanos	Fernanda Lopes de Almeida	Carlos Veiga	Ática	2008
D3	Aranha, a dor de cabeça e outros males que assolam o mundo	Fernanda Lopes de Almeida	Elisabeth Teixeira	Ática	2005

(Continua)

T2	As cores dos pássaros	Lúcia Hiratsuka		Rovelle	2014
D13	As panquecas de Mama Panya	Richard Chamberlin e Mary Chamberlin	Julia Cairns	Edições SM	2005
D8 e D14	As tranças de Bintou	Sylviane Diouf	Shane Evans	Cosac Naif	2010
D5	Até as princesas soltam pum	Ilan Brenman	Ionit Zilberman	Brinque-book	2008
D1; D13 e D14	Bruna e a galinha d'Angola	Gercilga de Almeida	Valéria Saraiva	Pallas	2009
D5 e D7	Bruxa, bruxa, venha à minha festa	Arden Druce	Patrícia Ludlow	Brinque-book	1995
D11	Cadê?	Graça Lima		Lacerda Editores	2009
T2	Cartas a povos distantes	Fábio Monteiro	André Neves	Paulinas	2015
D15	Chapeuzinho vermelho (Contos dos Grimm)	Maria Heloísa Penteado	Anastassija Archipowa	Ática	1996
T2	Coisa de gente grande	Patrícia Auerbach		SESI-SP	2015
D14	Contos Africanos para crianças	Rogério Andrade Barbosa	Maurício Veneza	Paulinas	2008
T2	Contos ortográficos	Marilda Castanha		Abacatte	2015
T2	De noite no bosque	Ana Maria Machado	Bruno Nunes	Ática	2011
D5	Dorme, menino, dorme	Laura Herrera	July Macuada	Livro Matriz	2015
D14	Dudu Calunga	Joel Rufino dos Santos	Zéflávio Teixeira	Ática	1986
D11	Fuzarca	Sonia Rosa	Tatiana Paiva	Brinque-book	2011
D5	Gato pra cá, rato pra lá	Sylvia Orthof	Graça Lima	Rovelle	2012
T2	Hortência das tranças	Lelis		Abacatte	2015
D4	Iguais, mas diferentes	Hardy Guedes	Reinaldo Rosa	Terra Sul	2011
T2	Inês	Roger Mello	Mariana Massarani	Companhia das Letrinhas	2015
D14	Irmã-estrela	Alain Mabanekou	Judith Gueyfier	FTD	2013
D13	Kofi e o menino de fogo	Nei Lopes	Helene Moreau	Pallas	2008
T2	Lá e aqui	Carolina Moreyra	Odilon Moraes	Companhia das Letrinhas	2015
D11	Lila e o segredo da chuva	David Conway	Jude Daly	Biruta	2010
D14	Luana: a menina que viu o Brasil neném	Aroldo Macedo e Oscaldo Fautino	Arthur Garcia	FTD	2000
D12	Marcelo, marmelo, martelo	Ruth Rocha	Adalberto Cornavaca	Salamandra	1976

(Continua)

D1; D4; D5; D9; D11 e D12	Menina bonita do laço de fita	Ana Maria Machado	Claudius	Ática	2003; 2004; 2005; 2011
D13	Mitologia dos Orixás	Reginaldo Prandi	Pedro Rafael	Companhia das letrinhas	2001
D7	Mitos – o folclore do mestre André	Marcelo Xavier	Gustavo Campos	Formato	2007
T2	Nino, o menino de Saturno		Ziraldo	Melhoramento s	2015
D9 e D12	O amigo do rei	Ruth Rocha	Eva Funari	Ática	2005
D8 e D11	Obax		André Neves	Brinque-book	2010
D4; D8; D11 e D14	O cabelo de Lelê	Valéria Belém	Adriana Mendonça	Companhia Editora Nacional	2006
T2	O caixão rastejante e outras assombrações de família		Angela Lago	Companhia das Letrinhas	2015
D11	O colecionador de pedras	Prisca Agustoni	André Neves	Paulinas	2006
T2	O guardião da bola		Lúcia Hiratsuka	Moderna	2015
T2	O livro das casas		Ricardo Azevedo	Moderna	2015
D9	O menino Nito: então homem chora ou não?	Sonia Rosa	Victor Tavares	Pallas	2002
D4	Omo-Oba: histórias de princesas	Kiusam de Oliveira	Josias Marinho	Mazza Edições	2009
D9 e D13	O presente de Ossanha	Joel Rufino dos Santos	Maurício Veneza	Global	2006
T2	O que é liberdade?		Renata Bueno	Companhia das Letrinhas	2015
D5	O ratinho, o morango velho e o maduro, e o grande urso esfomeado	Audrey Wood	Don Wood	Brinque-book	2012
D5	O rato da estrada	Julia Donaldson	Axel Scheffler	Fundamento Educacional	2016
D5	O rei Bigodeira e sua banheira	Audrey Wood	Don Wood	Ática	1996
T2	Os nada-a-ver	Jean-Claude R. Alphen	Juliana Bollini	Companhia das Letrinhas	2015
T2	O sonho de Borum	Edson Krenak	Maurício Negro	Autêntica	2015
D14	Os reizinhos do Congo	Edmilson Pereira	Graça Lima	Paulinas	2012
T2	O trompetista na tempestade	Alexandre Azevedo	Lelis	Abacatte	2015
D5	Grandes clássicos e suas virtudes: Peter Pan	Cristina Klein	Marlon Bachman e Tharson Duarte	Blu Editora	2016

(Conclusão)

D3	Pinote, o fracote e o Janjão, o fortão	Fernanda Lopes de Almeida	Alcy Linares	Ática	2008
D10	Piquenique do Catapimba	Ruth Rocha	Mariana Massarani	Salamandra	2010
D8	Preta-pretinha	Rose Chiappa	Luca Risi	Sulinha	2002
D11	Pretinha de neve e os sete gigantes		Rubem Filho	Paulinas	2009
D14	Pretinho, meu boneco querido	Maria Cristina Furtado	Ellen Pestili	Editora do Brasil	2008
D1	Princesa Arabela, mimada que só ela		Mylo Freeman	Ática	2005
D14	Rainha Quiximbi	Joel Rufino dos Santos	Zeflavia Teixeira	Ática	1997
D8	Rapunzel e o Quibungo	Christina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho	Walter Lara	Mazza Edições	2012
T2	Receita para fazer dragão	Simone Saueressing	Janaina Tokitaka	Cortez	2015
T2	Tabuleiro da Baiana		Elma	Paulinas	2015
T2	Tenório, um artista iniciante		Carcamo Gonzalo	Berlendis & Vertecchia	2015
D13	Um safari na Tanzânia	Laurie Krebs	Julia Cairns	Edições SM	2007
TOTAL DE OBRAS INFANTIS:		73			

Fonte: Elaborado a partir das pesquisas selecionadas.

O principal livro utilizado nas pesquisas foi: “Menina bonita do laço de fita” (Ana Maria Machado), pois foi empregado em seis dissertações de mestrado. O segundo livro mais lido foi: “O cabelo de Lelê” (Valéria Belém), o qual foi referenciado em quatro dissertações. Três dissertações utilizaram a obra “Bruna e a galinha d’Angola” (Gercilga de Almeida). Cada uma das obras, a seguir, foram citadas em duas dissertações: “Anansi, o velho sábio” (Kaleki), “As tranças de Bintou” (Sylviane Diouf), “Bruxa, bruxa, venha à minha festa” (Arden Druce), “Obax” (André Neves), “O amigo do rei” (Ruth Rocha) e “O presente de Ossanha” (Joel Rufino dos Santos). O livro “A cor da Vida” (Semíramis Paterno) foi citado em uma tese e em uma dissertação. Os demais livros foram utilizados, isoladamente, nas dissertações e nas teses.

No total, 79% dos 73 livros infantis aqui listados são nacionais, ou seja, cinquenta e oito livros foram escritos, adaptados e lançados por brasileiros. Os outros quinze livros, 21% das obras literárias selecionadas, são internacionais, isto é, livros que foram escritos por estrangeiros e lançados no Brasil, após serem traduzidos.

Com relação ao aumento da produção da literatura infantil, é possível notar crescimento constante em produções lançadas entre o final da década de 1980 e 90. Entretanto, o mercado

consolidou-se a partir dos anos 2000; 2015 foi o ano com o maior número de produções: 18 lançamentos, no total. Em segundo lugar, está o ano de 2008, com seis livros. Os anos de 2005, 2009 e 2011 encontram-se em terceiro lugar, com cinco produções em cada ano citado.

É importante destacar que a obra: “Menina bonita do laço de fita”, de Ana Maria Machado, foi a única, entre as aqui analisadas, a ser referenciada e citada nos documentos por mais de uma edição. Uma edição foi lançada em 2003, e as demais foram publicadas em 2004, 2005 e 2011.

O quadro 3 mostra o comparativo feito para conhecer o número de personagens protagonistas das histórias nas 73 obras listadas. Constatamos que, na maior parte dos livros, havia personagens negros como protagonistas, o que contabiliza o total de 33 personagens.

Quadro 3: Comparativo entre editoras e seus protagonistas

(Continua)

EDITORAS	Nº DE PROTAGONIS-TAS NEGROS	Nº DE PROTAGONIS-TAS BRANCOS	Nº DE PROTAGONIS-TAS INDÍGENAS	Nº DE PROTAGONIS-TAS SIMBÓLICOS ⁴	PERÍODO DE LANÇAMENTO
Abacatte	1	1	-	1	2015
Ática	4	9	-	1	1986 a 2011
Autêntica	1	-	1	-	2009 a 2015
Berlendis & Vertecchia	-	-	-	1	2015
Biruta	1	-	-	-	2010
Blu	-	1	-	-	2016
Brinque-Book	2	2	-	1	1995 a 2012
Companhia Editora Nacional	1	-	-	-	2006
Companhia das Letrinhas	2	1	-	4	2001 a 2015
Cortez	-	-	-	1	2015
Cosac Naif	1	-	-	-	2010
DCL	1	-	-	-	2007
Editora do Brasil	1	-	-	-	2008
Edições SM	2	-	-	-	2005 a 2007
Formato	-	1	-	-	2007
FTD	2	1	-	-	1999 a 2013
Fundamento Educacional	-	-	-	1	2016
Global	1	-	-	-	2006
Lacerda Editores	1	-	-	-	2009
Lê	1	-	-	-	1998
Livro Matriz	-	1	-	-	2015
Mazza Edições	2	-	-	-	2009 a 2012

⁴ Aqui, considerou-se protagonistas simbólicos, isto é, personagens não-humanos, que possuem atitudes e ações de um ser humano, como: animais, objetos falantes, sinais ortográficos, monstros, fantasmas, casas, plantas, etc.).

(Conclusão)					
Melhoramentos	-	1	-	-	2015
Moderna	-	1	-	1	2015
Pallas	3	-	-	-	2002 a 2009
Paulinas	5	-	-	1	2006 a 2015
PubliFolhinha	-	-	-	1	2014
Rovelle	-	-	-	2	2012 a 2014
Salamandra	1	1	-	-	1976 a 2010
SESI-SP	-	1	-	-	2015
Sulinha	-	-	-	1	2002
Terra Sul	-	-	-	1	2011
WMF Martins Fontes	-	-	-	1	2011
TOTAL:	73	33	21	1	18

Fonte: Elaborado pelas autoras, a partir das pesquisas selecionadas.

Esses 33 personagens, que apareceram como protagonistas, compõem o enredo de 35 livros de literatura infantil, os quais tinham como foco as relações étnico-raciais que constam no quadro 4, a seguir.

QUADRO 4: A temática das Relações Étnico-Raciais nos livros

(Continua)

LIVROS	ESCRITORES	ILUSTRADORES	TOTAL
Anansi, o velho sábio	Kaleki	Jean-Claude Götting	
As panquecas de Mama Panya	Richard Chamberlin e Mary Chamberlin	Julia Cairns	
As tranças de Bintou	Sylviane Diouf	Shane Evans	
Bruna e galinha d'Angola	Gercilga de Almeida	Valéria Saraiva	
Contos africanos para crianças	Rogério Andrade Barbosa	Maurício Veneza	
Irmã-estrela	Alain Mabanekou	Judith Gueyfier	
Kofi e o menino de fogo	Nei Lopes	Helene Moreau	
Lila e o segredo da chuva	David Conway	Jude Daly	
Mitologia dos orixás	Reginaldo Prandi	Pedro Rafael	
Obax		André Neves	
O colecionador de pedras	Prisca Agustoni	André Neves	
Omo-Oba: histórias de princesas	Kiusam de Oliveira	Josias Marinho	
Pretinha de neve e os sete gigantes		Rubem Filho	
Rainha Quiximbi	Joel Rufino dos Santos	Zeflávio Teixeira	
Um safari na Tanzânia	Laurie Krebs	Julia Cairns	
Dudu Calunga	Joel Rufino dos Santos	Zeflávio Teixeira	
Os reizinhos do Congo	Edmilson Pereira	Graça Lima	
Rapunzel e o Quibungo	Christina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho	Walter Lara	
Tabuleiro da Baiana		Elma	

15

4

(Conclusão)

Menina bonita do laço de fita	Ana Maria Machado	Claudius	2
O cabelo de Lelê	Valéria Belém	Adriana Mendonça	
A menina e o tambor	Sônia Junqueira	Mariangela Haddad	8
Cadê?		Graça Lima	
Cartas a povos distantes	Fábio Monteiro	André Neves	
Fuzarca	Sônia Rosa	Tatiana Paiva	
Hortência das tranças		Lelis	
O menino Nito: então homem chora ou não?	Sônia Rosa	Victor Tavares	
Piquenique do Catapimba	Ruth Rocha	Mariana Massarani	
Princesa Arabela, mimada que só ela		Mylo Freeman	
A cor da vida	Sam McBratney	Anita Jeram	3
Pretinho, meu boneco querido	Maria Cristina Furtado	Ellen Pestili	
Ana e Ana	Célia Gody	Fe	
Luana: a menina que viu o Brasil neném	Aroldo Macedo e Oscaldo Fautino	Arthur Garcia	3
O amigo do rei	Ruth Rocha	Eva Fumari	
O presente de Ossanha	Joel Rufino dos Santos	Maurício Veneza	
			35

Fonte: Elaborado, a partir das pesquisas selecionadas.

Todos os dezesseis estudos (teses e dissertações) analisados realizaram pesquisa de campo em instituições educativas e desenvolveram projetos ou oficinas realizadas com crianças, a partir de encontros utilizados para a realização de atividades como: rodas de conversas, seguidas da contação de história de um ou mais livros de literatura infantil, que contribuíram para a introdução do assunto relacionado às relações étnico-raciais. Também houve brincadeiras, dramatizações teatrais, entrevistas em grupo e/ou coletivas com as crianças, elaboração de desenhos dos personagens e de autorretratos, representação (pelas crianças) das obras por meio de massa de modelar, bem como, confecção de bonecos de pano, reconto das histórias com base no uso de fantoches. Os/as pesquisadores/as adotaram observação participante, gravações em áudio e vídeo, registros fotográficos e diário de campo.

De modo geral, os recursos e os procedimentos, utilizados para a realização das pesquisas, objetivaram ouvir as crianças, fazer emergir suas narrativas, sua compreensão do mundo que as cerca, tendo em vista que, de acordo com Francischini e Campos (2008, p. 108), elas “podem produzir discursos sobre si mesmas, sobre o (s) outros (s) e sobre eventos, de forma que possa existir a partir de seu próprio discurso, de sua maneira própria de ver e de pensar”.

Os procedimentos e os instrumentos, utilizados nas pesquisas com as crianças, levaram ao que Leite (2008) denomina “espaços de narrativa”, a partir de uma linguagem que se apresenta de diferentes formas, sejam verbal, corporal, gráfica, teatral, etc. Então, de acordo com a autora,

Favorecer um espaço de narrativa é compreender o papel de outro na construção de significados; é entender linguagem como “via de mão dupla, quer dizer, ela tanto forma como comunica os inúmeros sentimentos e habilidades objetivados” (Palangana, 2000, p. 29),, atuando como “instrumento mediador, básico e decisivo, na elaboração da consciência” p. 20). Tomando as palavras de Benjamin (1994^a, p. 201), “o narrador retira da experiência o que ele conta: a própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”. E “quanto mais o ouvinte esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido” (idem, p. 205). Não se trata de buscar, nas diversas expressões das crianças, as explicações alicerçadas num único sentido, base da informação monológica, mas versões, olhares, significações diversas” (Leite, 2008, P. 129).

Diante da impossibilidade de apresentar-se em detalhes as pesquisas que compuseram o *corpus* deste estudo, foi feita a opção de apresentar três estudos que utilizaram os mesmos recursos metodológicos em pesquisas realizadas com crianças, de forma a ouvir e captar suas vozes. Para tanto, as pesquisas de Lima (2017), Londero (2008) e Santos (2017) foram utilizadas.

Lima (2017) refere-se à mudança no comportamento das crianças, a qual possibilitou que realizasse sua intervenção pedagógica. A autora relata sua experiência com crianças que apresentavam falas pejorativas sobre negros. Essas falas, na hipótese da pesquisadora, eram a resposta à ausência de representatividade observada nos materiais aos quais tinham acesso, como: livros e brinquedos.

Segundo a autora, essas falas carregavam o desconforto das crianças negras sobre si mesmas, pois desejavam mudar sua aparência, para serem melhor aceitas pelos colegas de classe. Logo, a solução, encontrada por Lima (2017), foi levar uma boneca de pele negra para a sala de aula. Para a autora, o ambiente escolar, onde faltava representatividade, transformou-se em um mundo de descobertas para as crianças brincarem. Sem fazer nenhuma discussão prévia, porém com a intenção de causar estranhamento, reconhecimento e respeito às diferenças, a boneca foi, apenas, levada para a sala de aula.

De início, Lima (2017) relata o espanto das crianças com a nova boneca. Todavia, não demorou, para que o objeto virasse alvo de disputa entre elas, inclusive entre os meninos, que não achavam apropriado brincar com artefatos considerados “objetos de meninas”. Todos queriam passar a maior parte do tempo com a boneca, apelidada de Sofia, pelas crianças. Eles a incluíam em todas as atividades do dia, como: idas ao parquinho e brincadeiras de faz de conta. A presença da boneca, segundo a autora, auxiliou algumas crianças de pele negra a sentirem-se mais acolhidas por seus colegas de sala, pois, agora, possuíam semelhante à boneca Sofia, que era bem aceita.

Para Lima (2017), a mudança na prática pedagógica foi essencial, para que uma educação antirracista fosse construída, naquela escola. Entretanto, este processo é constante, ou seja, não termina com sua prática. É preciso, que o ambiente disponha, periodicamente, de práticas que dizem ‘não’, ao preconceito, e ‘sim’, ao pluralismo étnico e cultural. Por consequência, novamente, destaca-se a ideia de que não há neutralidade no campo da educação. A carência de bonecos e bonecas, com diferentes corpos, cabelos e tons de pele, comunica às crianças um padrão de beleza que é tomado como referência. A decoração de painéis que mencionam, somente, feriados cristãos, passam uma mensagem subliminar sobre qual seria a crença religiosa aceita pela instituição educativa. Livros que contenham, apenas, um tipo específico de personagens como protagonistas, declara quais locais são pertinentes para cada tipo de pessoa. O aviso dado é claro: pessoas não são iguais umas às outras, e essas diferenças determinarão quem elas poderão ser, ou não, na sociedade.

Para introduzir suas rodas de conversas, Santos (2017) utilizou as obras literárias “O cabelo da Lelê”, de Valéria Belém; “Omo-Oba: histórias de princesas”, de Kiusam de Oliveira; “Menina bonita do laço de fita”, de Ana Maria Machado; “Iguais, mas diferentes”, de Hardy Guedes; e “Ana e Ana”, de Célia Cristina Silva. Dessa maneira, as meninas participantes da pesquisa puderam identificar e relatar situações de preconceito causadas por sua aparência física, ao longo de suas vidas.

A pesquisadora Santos (2017), após ouvir relatos de meninas negras do Ensino Fundamental, concluiu que, desde muito pequenas, crianças negras já compreendem o sentido prático da palavra racismo, ainda que não tenham conhecimento do termo “racismo”. Por conta das experiências de desprezo que tais crianças já vivenciaram, a pesquisadora menciona as dificuldades apresentadas pelas meninas para valorizar seus traços fenotípicos. A autora cita, por exemplo, como elas incomodam-se com seu tom de pele e, principalmente, com o cabelo crespo que possuem, declarando desejar um cabelo liso e “mais bonito” (Santos, 2017, p. 105), como se suas madeixas fossem “feias”.

De acordo com a representação do conceito do que é ser “belo” e do que é ser “feio”, tais aspectos foram socialmente construídos, desde o período da colonização. A supremacia do branco, segundo Santos (2017), faz com que o sujeito não se encaixe nesse padrão considerado belo. Ele precisa, então, ser submetido a aproximar-se desse ideal, para não viver à margem da sociedade onde se encontra.

Para Santos (2017), o estigma de que uma etnia é superior a outra e que, portanto, é mais “bonita” do que a outra, foi inserido, de tal maneira, nos espaços onde as crianças frequentam, que elas renunciam à sua própria imagem, para obter uma nova. A pesquisadora emprega o exemplo da análise feita pelas crianças sobre a capa do livro “O cabelo de Lelê”.

Segundo as meninas ouvidas, os olhos arregalados da personagem Lelê causaram desgosto, pois “nossos olhos não são assim arregalados. E acho feio porque eu não sou assim!” (Santos, 2017, p.

100) explicou uma delas. Esse debate levou as crianças a concluir que a personagem foi desenhada dessa maneira, porque foi criada por pessoas brancas (Santos, 2017, p. 102). As crianças demonstraram o sentido crítico de que há um olhar estereotipado, de uma etnia reconhecida como “superior”, que determina a identidade de outras etnias “inferiores” e, portanto, desvalorizadas.

Lonero (2008) realizou uma prática de intervenção pedagógica visando desconstruir imagens pejorativas populares, em um colégio privado, onde a pesquisa foi realizada. Os estudantes que criavam círculos de amizade, baseados em suas aparências físicas e padrões de vida econômicos, excluíam as crianças que não se adequavam a essa checklist “aceitável”.

Cinco, das dezessete crianças observadas, apresentavam, inclusive, comportamento agressivo e práticas de *bullying* contra os colegas. A leitura das obras denominadas: “Aranha, a dor de cabeça e outros males que assolam o mundo”, “Pinote, o fracote e Janjão, o fortão” e a “A princesa dos cabelos azuis e o horroroso homem dos pântanos” (três livros da escritora Fernanda Lopes de Almeida) foi utilizada para criar dramatizações teatrais e rodas de conversas, de forma que as crianças refletissem sobre suas atitudes. As questões problema giraram em torno do comportamento das personagens principais e de suas consequências para as demais personagens no conto narrado.

Segundo Lonero (2008), a maior parte das crianças foi receptíveis à proposta literária, o que permitiu explorar as obras e gerar diálogos espontâneos com as crianças. Elas correlacionaram os fatos narrados às situações que vivenciavam dentro da escola, como: os critérios que utilizavam para excluir ou incluir colegas nas brincadeiras. As conversas foram pertinentes, elas expuseram suas emoções sobre quando ficavam tristes, por não poderem participar de um determinado círculo de amizade.

Após a intervenção pedagógica, Lonero (2008) constatou mudança de comportamento naqueles estudantes, pois diminuiu, consideravelmente, o número de ocorrências de conflitos entre eles. Para a autora, a maneira delicada com que o problema da exclusão foi abordado, através do “faz de conta” nas obras lidas, gerou a compreensão coletiva do porquê deveriam mudar suas atitudes.

O desfecho, então, foi: a influência do meio cultural, vivenciado pelas crianças, gerava os motivos pelos quais cada uma assumia uma postura de discriminação para com os colegas. Consequentemente, os momentos de reflexão oportunizaram, às crianças, evidenciar suas angústias acerca dos rótulos que lhes eram dados, agregando maior valor e significado ao tema (Lonero, 2008, p. 91). Assim, para a pesquisadora, foi possível desconstruir os estigmas, de maneira pacífica, em ambas as partes conflitantes, além de salientar a importância do respeito às diferenças sociais, econômicas e étnicas, de cada estudante.

Desse modo, concordamos com Silva (2016), ao considerar a literatura infantil como importante mediador para amparar pautas sociais em ambiente escolar, principalmente, para que crianças se vejam de maneira positiva. Para a autora, os livros abrem um leque de oportunidades para

que crianças se sintam curiosas e queiram saber mais sobre suas diferenças étnicas, bem como expor seu desejo de expressar suas hipóteses.

Consequentemente, cabe ao professor o papel de ser a ponte entre as crianças e as obras literárias, preenchendo as lacunas que o sistema ‘padronizador’ escolar deixa em aberto. Segundo Silva (2016), “na escola, existe um espaço entre o texto e o leitor, pois esse encontro não ocorre de forma espontânea. Diante disso, há a necessidade de refletir acerca do papel do professor como mediador da leitura literária na sala de aula” (Silva, 2016, p. 28). Portanto, é preciso entender como o acesso à leitura será promovido pelo professor em instituições de educação infantil.

Nesse sentido, a análise realizada por Peixoto (2012) mostra-nos que, dar oportunidade às crianças de lerem e de expressarem suas emoções, as transforma de seres infantes (*infans* – aquele que não fala) em seres falantes. Assim, as crianças, desde a Educação Infantil, possuem ampla capacidade de compreender diferentes temas, por meio dos livros, pois as obras lhes permitem relacionarem-se “com diversos espaços e tempos reais e imaginários” (Peixoto, 2012, p. 75) fundamentais para que se sintam como protagonistas de suas próprias histórias sociais

Desse modo, para Silva (2016), é preciso considerar o sentido da obra, em relação às vivências das crianças, o objetivo para o qual a obra será utilizada pelo professor e como será oferecida às crianças, nesse espaço educativo.

Considerações Finais

A partir dos estudos analisados, que produziram pesquisas realizadas com crianças e tiveram a literatura infantil como instrumento mediador de oficinas e intervenções, pudemos perceber a importância da realização de estudos que visem alcançar as crianças, ouvi-las, considerar suas perspectivas e emoções relacionadas à temática das relações raciais.

Conhecemos o desafio posto às instituições educativas de desenvolverem um trabalho que atenda às recomendações presentes na Lei 10.639, de 2003. Esta lei tornou obrigatório o ensino da história e das culturas afro-brasileira e africana, nas escolas de educação básica e no ensino superior, bem como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, aprovadas em 2004. Tais diretrizes preveem que, desde a educação infantil, faz-se necessário um trabalho educativo, voltado para a questão étnico-racial, que considere as crianças, desde sua mais tenra idade.

A literatura infantil favorece a possibilidade de contar e recontar narrativas sobre comunidades africanas e afro-brasileiras. Isso representa a possibilidade, de acordo com Araújo (2019), de proporcionar segurança para que diversos grupos culturais não tenham suas raízes históricas apagadas

e mascaradas pelas histórias que a sociedade julgue “superiores” ou “mais importantes”, pois tal cenário impediria narrativas racistas.

Assim, podemos considerar que, por meio de uma literatura infantil composta por elementos que envolvam relações étnico-raciais e a cultura afro-brasileira e africana, crianças negras podem atingir um sentimento de identificação e aceitação de si mesmas. Ao mesmo tempo, apresenta, às crianças brancas, um contato cultural que pode agregar novos saberes, como: respeito às diferenças. Logo, a presente reflexão foi proposta com o objetivo de mostrar as janelas de possibilidades abertas pela literatura infantil como ferramenta que contribui para a educação das relações étnico-raciais, seja por meio de pesquisas, ou por sua presença no cotidiano das instituições educativas, desde a educação infantil.

Referências

ALDERSON, P. As crianças como pesquisadoras: os efeitos dos direitos de participação sobre a metodologia de pesquisa. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 91, mai-ago, 2005, p. 419- 442. Disponível em: [Rev81_04DOSSIE](#). Acessado em 09 de janeiro de 2022.

ARAUJO, D. O. Literatura infantil e ancestralidade africana: o que nos contam as crianças? **Momento: Diálogos em Educação**, v. 28, p. 109-126, jan./abr., 2019. Disponível em: Vista do Literatura infantil e ancestralidade africana: o que nos contam as crianças? Acessado em 21 de março de 2022.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 1987.

BRASIL. **Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 09 jan. 2003. 2003 a. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 10 mar. 2021.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, 2004. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/ DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf>. Acesso em 05 de abril de 2021.

CAMPOS, M. M. Por que é importante ouvir a criança? A participação das crianças pequenas na pesquisa científica. In: CRUZ, S. H. V. **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 35-42.

COELHO, N. N. A literatura infantil: um objeto novo. In: **Literatura: arte, conhecimento e vida**. São Paulo: Peirópolis, 2000b, p. 126-140.

COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

CORSARO, W. A. Entrada no campo, aceitação, e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 91, mai-ago, 2005, p. 443-464. Disponível em: [Rev81_04DOSSIE](#). Acessado em 28 de março de 2022.

DELGADO, A. C. C. & MÜLLER, F. Apresentação do Dossiê “Sociologia da Infância: pesquisas com crianças”. **Revista Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 91, Mai/Ago. 2005. p. 351-360. Disponível em: [Rev81_04DOSSIE](#). Acessado em 05 de junho de 2021.

FERREIRA, N. S. de A. As pesquisas denominadas “Estado da Arte”. **Educação & Sociedade**, ano XXIII. n° 79, p257-272 agosto, 2002. Disponível em: [Rev79_06REV&SINT](#). Acessado em 15 de outubro de 2020.

FRANCISCHINI, R. & CAMPOS, H. R. Crianças e infâncias, sujeitos de investigação: bases teórico-metodológicas. In: CRUZ, Silvia H. V. **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 102-117.

LEITE, M. I. Espaços de narrativa: onde o eu e o outro marcam encontro. In: CRUZ, Silvia H. V. **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 118-140.

LIMA, I. M. da C. **Quando a questão racial se torna conversa com uma turma de educação infantil**. 2017. 80 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica. Disponível em:
http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFRRJ_I_021f0ddfe7fe031dbcfcdb97a6870c8b Acesso em: 6 de abril de 2020.

LIMA, H. P. Personagens Negros: um breve perfil na literatura infanto-juvenil. In: MUNANGA, K. (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Fundamental, 2005. p. 101-116.

LONDERO, M. C. M. da C. **As estórias infantis como contexto de estudo da exclusão/inclusão com crianças**. 2008. 105f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale dos Sinos – UNISINOS – Programa de Pós-Graduação em Educação, São Leopoldo-RS, 2008. Disponível em:
http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/USIN_c0068208e8a820d32c7000b6211f8710 Acesso em 15 de abril de 2021. PEIXOTO, S. L. da S. **Literatura e infância: ouvindo e dando voz as crianças**. 2012. 119f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012. Disponível em:
http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFRN_5d93acda3902ae00a13367e19c839b91 Acesso em: 15 de abril de 2021.

PEREIRA, S. da S. **A literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira, com a palavra as crianças: “eu so peta, tenho cacho, so linda, ó!”**. 2019. 206f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná – Programa de Pós-Graduação em Educação, Curitiba, Paraná, 2019. Disponível em:
http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFPR_c1ed947c535ddf5f4bfcc6bb42db2c2f Acesso em: 15 de abril de 2021.

ROCHA, E. A. C. Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: CRUZ, Silvia H. V. **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 43-51.

SANTOS, I. B. dos. Educação, **infância e literaturas: ouvindo meninas negras a partir de algumas leituras**. 2017. 152 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Educação, Criciúma. Disponível em:

http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNESCOI_350f8f7c6bd26a6afe69697f33584a40 Acesso em: 6 de abril de 2020.

SILVA, P. B. G. e. Aprendizagem e ensino das africanidades brasileiras. In: MUNANGA, K. (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Fundamental, 2005. p. 155-172.

SILVA, M. H. F. **Leitura literária e protagonismo negro na escola: problematizando os conflitos étnico-raciais**. 2016. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Goiás . Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/62ed53c7-8b82-4ed9-9b92-1caec8ea7684>. Acesso em: 10 de maio de 2020.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. rev. ampl. São Paulo: Global, 2003.

Recebido: 24/05/2024

Aceito: 11/04/2025

Received: 05/24/2024

Accepted: 04/11/2025

Recibido: 24/05/2024

Aceptado: 11/04/2025

